

**DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA DAS FAZENDAS MISTAS NO INTERIOR
DO OESTE PAULISTA: PRODUÇÃO VOLTADA
PARA O MERCADO INTERNO E EXTERNO, 1889-1920**

Rosane Carvalho Messias Monteiro

Doutoranda em Sociologia

Um dos objetivos da nossa pesquisa em andamento¹ é examinar a diversificação econômica apresentada nas fazendas de Araraquara e São Carlos, municípios situados no interior do Oeste Paulista. O período privilegiado refere-se ao final do século XIX e início do século XX. Este texto diz respeito a análise dessas fazendas que organizavam sua produção tanto para atenderem o promissor mercado interno em expansão como ao importante mercado externo.

Ao analisar as principais características das fazendas dessas regiões observamos que a maioria dos proprietários investiam não apenas em produtos significativos para o mercado externo, no caso o café, mas também procuravam atender às necessidades do mercado interno apostando no setor pecuarista, na cultura de alimentos, e, em segmentos importantes para a conjuntura econômica mas pouco apontado nos estudos, como por exemplo, o comércio madeireiro. Essa combinação de atividades tanto voltada para o mercado interno e externo resultou na denominação de “fazendas mistas”. Nossa intenção é demonstrar como os fazendeiros organizavam essas diferentes atividades e o reflexo no desenvolvimento econômico.

A estrutura econômica da região araraquarense, assim como a são-carlense oferece aspectos relevantes para o estudo do desenvolvimento do mercado interno ao longo do século XIX e início do século XX. Araraquara e São Carlos, por um período de tempo,

¹ O projeto de pesquisa intitula-se: “Nos Bastidores dos cafezais: um estudo sobre a organização da mão de obra em fazendas no interior do Oeste Paulista, 1885-1920”, apresentado ao Programa de Pós Graduação em sociologia, nível Doutorado, Unesp, Araraquara, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Lamounier e financiado pelo Capes. Nosso objetivo é analisar como eram organizados os trabalhos diários numa grande unidade cafeeira: a Fazenda Palmital. Quais eram os problemas apresentados, quais as necessidades exigidas além dos cuidados com os pés de café; como eram distribuídas as diversas tarefas, como funcionava o sistema de plantio de víveres alimentícios e qual a média de consumo e gastos com víveres pelos trabalhadores. Na fazenda Palmital haviam, além de nacionais e italianos, 40 libertos engajados. Nosso objetivo é tentar delinear os aspectos que construíram inicialmente a nova ordem social. Pretendemos examinar que tipo de trabalhador era exigido e quantos eram necessários além daqueles que se ocupavam dos cafezais, ou seja, quais atividades exerciam. Um outro objetivo é analisar a diversidade produtiva das fazendas das regiões de Araraquara e São Carlos buscando diferenças e particularidades significativas em relação a outras regiões cafeeira.

foram “bocas de sertão”. Regiões muito distantes e isoladas dos centros urbanos dinâmicos mais antigos eram denominadas “bocas de sertão”. Algumas cidades do Oeste Paulista surgiram como bocas de sertão e transformaram-se em paragens de viajantes. O deslocamento de contingentes populacionais, fossem eles destituídos ou possuidores de capitais, em busca de novas oportunidades para regiões que começavam a despontar transformou estas bocas de sertão em pontos estratégicos importantes, onde ao longo do tempo se solidificaram e passaram a ter uma economia própria e dinâmica.²

Os fazendeiros dessa região além de criarem suínos, gado vacum e cavalos, produziam gêneros de subsistência, açúcar e aguardente para atenderem as necessidades das diversas paragens que surgiam nos sertões paulistas, assim como vilarejos e cidades. As bocas de sertão tornaram-se novas fronteiras para os pioneiros que investiram principalmente em setores voltados para o mercado interno. Criadores e lavradores em pouco espaço de tempo constituíram fortunas, contrariando a tese de que apenas os produtos de exportação, neste período no Brasil, dariam lucros.

A estrutura fundiária, ao longo do século XIX, foi marcada pelo retalhamento das imensas sesmarias. Os fazendeiros continuaram com a tradição das fazendas mistas mesmo com a chegada do café, pois não abriram mão dos lucros que obtinham através do mercado interno. O café passou a dividir espaço com os outros setores. Quando havia necessidade de espaço para a expansão cafeeira, os fazendeiros adquiriam mais terras para não suprimirem suas culturas ou espaço para a criação além de preservavam áreas com matas.³

² Com a descoberta do ouro em Mato Grosso no século XVIII, os viajantes que se aventuraram para as minas, necessariamente passavam pela estrada que cortava as conhecidas paragens situadas nos “ Campos de Araraquara”, ainda boca de sertão. Essas paragens passaram a promover relações comerciais com inúmeras outras paragens, vilas, cidades e demais regiões incentivando o desenvolvimento e o surgimento de povoados que tornaram-se importantes locais de ligação para a economia do interior. Essas paragens foram fundamentais para a comercialização de mercadorias e para a dinâmica do mercado interno neste período. MONTEIRO, Rosane C.M. “O desenvolvimento do mercado interno no interior do Oeste Paulista: o papel das paragens nos primórdios do século XIX. IV Congresso Brasileiro de História Econômica. 5ª Conferencia Internacional de História de Empresas. 2001. ABPHE, cdroom.

³ Sobre a estrutura fundiária e produção das fazendas na região araraquarense e são-carlense durante o século XIX ver MONTEIRO, Rosane C. *Criadores, cafeicultores, terra e mão de obra. Araraquara e São Carlos na era da transição, 1830-1888.* Araraquara, 2000. Dissertação (Mestrado) Unesp, FCL, capítulo II.

1. O setor pecuarista e gêneros alimentícios

Nos finais do século XIX e início do XX, os fazendeiros continuaram a manter suas fazendas mistas, veja o exemplo do Conde de Pinhal, importante fazendeiro em São Carlos, que possuía diversas propriedades, mas a principal, a Fazenda do Pinhal ele a mantinha mista. No ano de 1887, em visita a Fazenda do Pinhal, o viajante alemão Lamberg comenta: *“nessa fazenda havia criação de gado, canaviaes e cafezaes. Os trabalhadores eram parte escravos, parte colonos italianos.”*⁴

No Almanach – Álbum de São Carlos, 1916-1917, o autor aponta a diversidade de algumas fazendas. Citamos o caso da Fazenda Santa Cândida: *“Apezar de não ser muito grande, é montada a capricho e sua área regular, é destinada ao cultivo do café, e à criação de boa raça de gado vaccum.”*⁵

Na região são-carlense os “fazendeiros mistos” se preocupavam em adquirir gado e até carneiros de procedência internacional e gostavam de freqüentar exposições afim de receberem prêmios:

*“A cultura principal é o café- 750.000 pés. (Fazenda Palmital) Produz também cereais e forragens cultivadas. O Dr. Moreira de Barros cria pequena quantidade de gado Caracu, muitíssimo bem seleccionado e carneiros de raça Southdown e porcos nacionaes. Numa área de 200 alqueires (Fazenda Santa Bárbara) estão plantados 130.000 cafeeiros, as invernadas ocupam 60 alqueires e criam 150 cabeças, os melhores exemplares de gado hollandez, chwitz e caracu, que têm concorrido às exposições Regionaes de S. Carlos, obtendo honrosos prêmios.”*⁶

O autor ressalta a importância da pecuária para o Estado de São Paulo, citando o exemplo da Fazenda Palmeiras que juntamente com 450.000 cafeeiros possuía 1.000 cabeças de gado:

*“Acompanhando o movimento crescente da pecuária no Estado de São Paulo, o coronel José Augusto de Oliveira Salles, consagra boa porção de seus esforços a criação de gado vaccum e cavallar, aquelle na quantidade de mil cabeças, de raça inglesa cujos exemplares premiados nas Exposições Regionais de São Carlos.”*⁷

Observamos alguns aspectos do mercado pecuarista em Araraquara através da documentação do Matadouro Municipal. Em 1885 as anotações referentes às entradas

⁴ GORDINHO, Margarida. *Casa do Pinhal*. São Paulo, s. ed. 1985, p 71

⁵ CASTRO, Franklin. *Almanach-Álbum de São Carlos, 1916-1917*. Typographia Artístia, São Carlos. s.p.

⁶ CASTRO, F. op. cit. s.p.

⁷ CASTRO, f. op. cit. s.p.

de reses no Matadouro eram feitas da seguinte forma: “16 outubro: Antonio José Correa da Silva : um boi amarelo marca B que foi do Dr. Carvalho.” Em 1886 as anotações seguem bem mais detalhadas: “Dia 9 de outubro de 1886 foi recolhido no Matadouro desta Villa pelo mesmo Antonio José Correa da Silva um boi vermelho Estrello com a marca IR cujo boi foi comprado de José de Azevedo.” Alguns casos o nome do proprietário das reses não era mencionado: “uma vaca vermelha que foi comprada de uma viúva no Pilão” ou “uma vaca vermelha que foi comprada na Aparecida.”

Freqüentemente aparecem neste manuscrito reses que foram comprados de boiadeiros. O encarregado do controle da entrada de reses apenas anotava “um boi pintado de branco que foi de um boiadeiro.” O Matadouro de Araraquara possuía apenas dois encarregados em comprar e conduzir o gado para o local do abate: eram eles Antonio José Correa da Silva e Luis Correa da Silva, que efetuavam negócios tanto com fazendeiros fixados na região como também com boiadeiros que aqui passavam levando gado de um local para o outro. Não há registro da quantia estimada pela compra desses animais, o documento indica apenas a entrada das reses no estabelecimento. Através da análise dos dados podemos apontar quantas reses foram compradas pelo Matadouro por mês e ao ano, ao mesmo tempo verificar o nome dos fazendeiros que as comercializavam.

COMPRA DE RESES – MATADOURO -1885		
Ano	Mês	Cabeças de gado
1885	julho	12
	agosto	20
	setembro	33
	outubro	33
	novembro	33
	dezembro	39
	Total	

COMPRA DE RESES- MATADOURO-1886		
Ano	Mês	Cabeças de gado
1886	janeiro	42
	fevereiro	34
	março	35
	abril	34
	maio	40
	junho	26
	julho	30
	agosto	24
	setembro	23
	outubro	35
Total		323

Fonte: APHRT, *Entrada de Reses no Matadouro-1885-1886*. Manuscrito.

O número de reses compradas pelo Matadouro pode parecer incipiente, mas não era se levarmos em conta, que neste período as cidades do interior do Oeste Paulista não possuíam grandes contingentes populacionais. O papel do Matadouro era fornecer carne fresca, ou seja, abatida e cortada para atender a demanda local diferentemente do abastecimento de cabeças vivas para outros locais do qual possivelmente o abate era feito igualmente por matadouros. A quantidade de criadores que venderam suas reses ao Matadouro em 1885, no total de quarenta e um, foi bem maior em relação ao ano de 1886, com apenas dezessete, além dos boiadeiros que também eram fornecedores habituais.⁸

Boiadeiros eram homens que transportavam gado de um único criador ou de vários para serem comercializados em lugares ou regiões mais longínquas e tinham a permissão de negociar certa quantidade de cabeças com os matadouros ao longo da trajetória, ou, o fornecimento era previamente acertado entre criadores e os matadouros. Segundo Marcondes, o grande comerciante não estava diretamente à frente nas vendas e no transporte dos animais, capatazes e prepostos eram encarregados das transações comerciais. Essas transações demonstraram a presença de estruturas comerciais mais complexas.⁹

Os criadores regionais que aparecem na lista do Matadouro referente ao ano de 1886, passaram a fornecer quantidade maiores, mas o Matadouro continuou a comercializar com boiadeiros. No mês de março de 1886, um total de 10 reses foram compradas diretamente de boiadeiros em diferentes dias do mês. No mês de maio do mesmo ano a maioria das reses foram compradas de um único criador: Tristão Nantes. Em junho, a maioria do gado foi adquirido de um outro criador: Antonio Lourenço que

⁸ *Lista dos criadores que venderam suas reses ao Matadouro Municipal de Araraquara em 1885: Francisco Capa Preta, Francisco Oliveira, Francisco Ferraz Lopes, José Ferraz, Francisco Henrique Pinto Ferraz, Evaristo, Joaquim Mathias, Antonio Pádua, José Alves Ferraz, Fabiano Galdino, José Ferreira Alves, José Venâncio, Joaquim Correa Leite da Silva, José Ignácio de Araújo, Francisco Pais, Joaquim de Carvalho, Francisco Canhauva, José Correa da Silva, José Lopes, Paulino Lopes, Francisco Ferreira, Antonio Bueno, José Pedro, João Hunch, Antonio Modesto, Antonio Pereira Aguiar, Manoel José Marins, Benedito Falcão, Francisco Pe3droso, Francisco Cardozo, Joaquim Correa Assumpção, Francisco Domingues, Pedro Passos, Alberto Costa e Silva, Francisco Telles, Fortunato Telles, Miguel Leite, João Alves, Antonio Lourenço, José Marques Francisco Vilella. Lista de 1886: José Martiniano, Francisco Vilela, João Jacinto, Raphael Correa, João Caetano, Paulino da Costa, Paulino Boiadeiro, Joaquim Correa, Francisco Henrique, Joaquim Correa Assumpção, José Pinto, Sebastião Lima, Francisco Pais, Manoel Borba, Tristão Nantes, Antonio Lourenço, José Galdino. Fonte : Entrada de Reses no Matadouro Municipal de Araraquara, 1885 e 1886.*

no mês seguinte, julho, continuou a fornecer seu gado. Os encarregados, Antonio José e Luis, no mesmo mês e no seguinte também abasteceram o Matadouro através de gados comprados de boiadeiros. Já em setembro de 1886, o criador escolhido para suprir a demanda foi José Galdino. Além desses, Francisco Pais chegou a abastecer o Matadouro praticamente sozinho em determinados meses. A quantidade de reses variavam entre 15 a 30 cabeças.

A análise da *Entrada de Reses do Matadouro Municipal* indica um dos exemplos do comércio pecuarista. Esses fazendeiros que apostavam no fornecimento de carne ou animais de custeio contribuíram para a continuidade e o crescimento do mercado interno, sem dúvida, importante para a economia regional como um todo.

As estatísticas de 1905 sobre as propriedades da região araraquarense comprovam que os fazendeiros continuavam a criar gado, cultivar alimentos e café. A Estatística Zootécnica Agrícola, assim descreveu a quantidade de animais, de pés de café, do cultivo de produtos alimentícios básicos de 452 propriedades :

<i>Numero de proprietários</i>		452
<i>Possuidores de</i>		
1	até 10	cabeças 145
11	até 25	cabeças 73
26	até 50	cabeças 67
51	até 100	cabeças 51
101	até 200	cabeças 53
201	até 500	cabeças 42
	mais de 500	cabeças 21
<i>Assim discriminados</i>		
<i>Gado cavallar para criação</i>		987
<i>Para trabalho</i>		1.104
<i>Gado Vaccum para criação</i>		5.955
<i>Para trabalho</i>		3.448
<i>Gado Muar para criação</i>		3
<i>Para trabalho</i>		2.052
<i>Gado Lanígero</i>		451
<i>Gado Caprino</i>		3.923
<i>Gado Suíno</i>		28.340
<i>Aves domésticas</i>		67.172
Produção Animal		
<i>Leite</i>		1.998.247 litros
<i>Manteiga</i>		.1.185 quilos
<i>Queijos</i>		16.675 quilos
<i>Fonte: Álbum de Araraquara, 1905.p. 58</i>		

⁹ MARCONDES, Renato L.O abastecimento de gado do Rio de Janeiro, 1801-1811. Mimeo apresentado no Seminário de Pós Graduação em Economia. Unesp, Araraquara, novembro 2000, p. 11.

<i>Produção Agrícola dessas propriedades</i>		
Número total de cafeeiros	18.212.000	
Produção de café	895.000	arobas
Açúcar	27.000	arobas
Aguardente	1.700.325	litros
Arroz	197.000	litros
Milho	14.502.800	litros
Feijão	7.177.500	litros
Fumo em corda	160	arobas
Uvas	90	arobas

Fonte: dados retirados do Álbum de Araraquara, p. 60

Dessas 452 propriedades da amostra, somamos um total de 46.268 cabeças de animais e 67.172 de aves domésticas. Havia uma boa produção de leite, manteiga e queijos. Em relação aos gêneros alimentícios a produção de milho alcançou quatorze milhões e meio de litros. Produziram 7 milhões de litros de feijão. A aguardente alcançou a casa de um milhão e setecentos mil litros. O café, produto favorável ao mercado externo, disputava a comercialização com produtos destinados ao mercado interno.

No caso da pecuária, os fazendeiros do café geralmente optavam em manter áreas exclusivamente destinadas para pastagens. A criação de gado ou suínos não era afetada pelo efeito devastador das geadas contra os cafeeiros. Em relação aos preços de mercado, esse setor sempre em crescimento não sofria alterações negativas, ou seja, os preços ou continuavam estáveis ou tendiam a aumentar. Por outro lado, em relação à mão de obra, esse tipo de atividade exigia poucos braços, a preferência para esse tipo de atividade era pelos nacionais, onde fazendeiros podiam lançar mão a toda hora. Citamos o exemplo do Dr. Carvalho, araraquarense, possuía em meados de 1880 uma fazenda mista do qual combinava cultura de alimentos, café, além de criar gado. O fazendeiro mantinha sua propriedade apenas com trabalhadores livres nacionais e libertos.¹⁰

O proprietário do complexo cafeeiro Cambuhy, situado na região araraquarense, apesar de ter sido chamado de “missionário do café” afirmava em 1915: “*pender*

¹⁰ MONTEIRO, R.C.M. Regiões esquecidas da história: um estudo sobre a organização da mão de obra em fazendas do Oeste Paulista no período de transição. In Revista de História Econômica & História de Empresas. São Paulo, Hucitec/ABPHE, v.2, 2002, p.40 Sobre a mão de obra no setor pecuarista ver também FRAGOSO, João L. O império escravista e a República dos plantadores na economia brasileira no século XX: mais que uma *plantation* escravista exportadora. In LINHARES M.Y (org) *História geral do Brasil*. 6ª edição, Rio de Janeiro, Campus, 1990, pp 145-233.

*muito mais para o lado de porcos e engorda de gado. É um capital que dá todo dia e toda a hora e não tem colono.”*¹¹

Não apenas Magalhães reservava áreas para a criação como também outros fazendeiros da região araraquarense. Em 1905, as principais fazendas cafeeiras possuíam criações como podemos observar no quadro abaixo

<i>Fazenda</i>	<i>pés de café</i>	<i>criação (todos os tipos)</i>
<i>Alpes</i>	<i>355.000</i>	<i>400</i>
<i>Atalaia</i>	<i>436.000</i>	<i>182</i>
<i>Santa Francisca</i>	<i>260.000</i>	<i>1.160</i>
<i>Boa vista</i>	<i>190.000</i>	<i>-</i>
<i>Monjolo</i>	<i>80.000</i>	<i>50</i>
<i>Sapavussu</i>	<i>10.000</i>	
<i>Recreio</i>	<i>38.000</i>	<i>-</i>
<i>Cruzeiro</i>	<i>189.000</i>	<i>consta criação (*)</i>
<i>Monte Verde</i>	<i>240.000</i>	<i>120</i>
<i>São Luiz</i>	<i>240.000</i>	<i>300</i>
<i>Jangada</i>	<i>100.000</i>	<i>consta criação</i>
<i>S. Luiz Gonzaga</i>	<i>150.000</i>	<i>-</i>
<i>Santa Cruz</i>	<i>228.000</i>	<i>consta criação</i>
<i>São Luiz da Ponte Alta</i>	<i>185.000</i>	<i>22</i>
<i>Sto Antonio da Boa Vista</i>	<i>180.000</i>	<i>45</i>
<i>Contendas</i>	<i>242.800</i>	<i>24</i>
<i>Paraizo</i>	<i>175.000</i>	<i>-</i>
<i>Anhumas</i>	<i>175.000</i>	<i>21</i>
<i>Recreio</i>	<i>95.000</i>	<i>8</i>
<i>São Francisco</i>	<i>80.000</i>	<i>-</i>
<i>Pereira de Almeida</i>	<i>13.000 (faz. em formação)</i>	<i>111</i>
<i>São Manuel</i>	<i>138.000</i>	<i>-</i>
<i>Santa Júlia</i>	<i>155.000</i>	<i>-</i>
<i>Alliança</i>	<i>140.000</i>	<i>-</i>
<i>Pirapora</i>	<i>145.000</i>	<i>71</i>
<i>Cabriúva</i>	<i>20.000</i>	<i>30</i>
<i>Santa cruz</i>	<i>20.000</i>	<i>-</i>
<i>Sto. Antonio do Palmital</i>	<i>30.000</i>	<i>8</i>
<i>Morro Azul</i>	<i>225.000</i>	<i>120</i>
<i>Andes</i>	<i>240.000</i>	<i>53</i>
<i>S. José do Corrente</i>	<i>295.000</i>	<i>417</i>
<i>Santa Cândida</i>	<i>195.000</i>	<i>123</i>
<i>Himalaya</i>	<i>130.000</i>	<i>34</i>
<i>Cachoeira do Rincão</i>	<i>100.000</i>	<i>700</i>
<i>Santa Thereza</i>	<i>90.000</i>	<i>36</i>
<i>Timbury</i>	<i>150.000</i>	<i>consta criação</i>
<i>Lageado</i>	<i>400.000</i>	<i>840</i>
<i>São Francisco</i>	<i>136.000</i>	<i>73</i>
<i>Periquito</i>	<i>160.000</i>	<i>42</i>
<i>Santa Antonieta</i>	<i>220.000</i>	<i>186</i>
<i>Total</i>		

Fonte: dados retirados do Álbum de Araraquara, pp. 153-276.

¹¹ CASALECCHI. José Enio. *Da Companhia Industrial Agrícola e Pastorial do Estado de São Paulo à Cambuhy Coffe and Cotton Estates, 1912-1933. Contribuição ao estudo da presença inglesa na estrutura agrária no Estado de São Paulo*. Araraquara, 1973. Tese (Doutorado) Unesp, p. 49

A primeira vista pode parecer que o investimento na pecuária desses fazendeiros era tímido, mas a quantidade de gado que aparece em algumas fazendas era expressivo, como é o caso da Fazenda Alpes, São Luiz, Lageado, Cachoeira do Rincão e Santa Francisca que ultrapassou a casa do milhar. Como já mencionamos, a demanda desse setor está diretamente relacionada com o número populacional tanto da área rural, geralmente maior nesse período, como da área urbana. Em 1900, Araraquara contava com 28.900 habitantes. De 1900 até 1915 chegaram na cidade cerca de 18.966 imigrantes italianos vindos da Hospedaria de São Paulo contribuindo para o aumento populacional.¹²

Normalmente o gado também era vendido para outras regiões, principalmente cafeiras, onde os cafeicultores não dispunham de áreas exclusivas para a criação e engorda, preferindo investir apenas no setor cafeeiro. Com isso, para suprir o consumo de carne ou de animais de custeio (para o trabalho) essas regiões compravam gado e animais de zonas pecuaristas, é o caso de Araraquara, conhecida desde os primórdios como excelente para criação. Desde 1822, o Rio de Janeiro por exemplo, importava gado e animais de custeio de províncias onde a economia era voltada para esse setor. O expressivo comércio de reses entre regiões do Sul e Sudeste chamou a atenção de Marcondes que apontou a importância das rotas de abastecimento do gado desde o início do século XIX. O autor verificou através de depoimentos de viajantes, relatórios provinciais e correspondências que havia um intenso deslocamento de milhares de reses pelas principais estradas ou caminhos de ligamento entre diversas províncias. O mercado alvo era principalmente o Rio de Janeiro que tornou-se um grande consumidor de carne principalmente com a chegada da corte portuguesa. De acordo com Marcondes, a província de São Paulo tornou-se um importante fornecedor de gado para a capital do Império onde a rota principal partia de Sorocaba, importante praça neste comércio.¹³

¹² Dados retirados de PACHECO, Carlos Américo. *Café e cidades em São Paulo. Um estudo de caso da urbanização na região de Araraquara e São Carlos, 1880-1930*. Campinas, 1988. Dissertação (Mestrado), Instituto de Economia. Unicamp. Pp51 e 53

¹³ MARCONDES, R. op. cit p.2-7

Os “fazendeiros mistos” além de apostarem no mercado interno começaram a perceber outros mercados que poderiam aquecer mais ainda o promissor setor pecuarista. Segundo Casalecchi, na Cambuhy, era voz corrente que

“com o auxílio da indústria pastoril podemos encarar sem receio o futuro da empresa, seja qual for a sorte do nosso principal produto que é, sem dúvida, o café” Para o sucesso desta atividade concorreria o aumento do mercado consumidor de carne, principalmente em decorrência da guerra européia de 1914-1918.”¹⁴

De acordo com o autor acima citado, os fazendeiros paulistas também se dedicavam ao tratamento de engorda. Para aumentar seus rebanhos compravam gados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, Estados tradicionais neste tipo de atividade. Um outro fator que estimulava os criadores paulistas era o interesse de outros países ávidos em aplicar capitais neste setor . Em 1914, criadores norte americanos que mantinham suas atividades nos estados de Mato Grosso e São Paulo, disponibilizaram de quantias significativas para o incremento do promissor segmento pecuário. A partir de 1916, ingleses, americanos e paulistas, ampliaram suas margens de negócios ao implantaram frigoríficos em Barretos, Osasco, Caçapava e na capital, São Paulo. ¹⁵

Examinado a correspondência recebida pela Cambuhy, Casalecchi relata o grande interesse da França, cujo correspondente era Jean Velary, em investir na indústria pastoril brasileira. Procurou um dos maiores fazendeiros do estado de São Paulo, o proprietário da Cambuhy, Carlos Leôncio Magalhães.

“ O Estado de S. P. em sua generalidade, assim como o fazendeiro em sua Fazenda, não pode mais pensar somente no café, que nunca conseguiu dar a um país uma prosperidade firme. A prosperidade futura da Sesmaria do Cambuí depende do desenvolvimento em grande escala, da criação. O gado valoriza e beneficia a terra que servirá depois para a cultura de cereais os grandes proprietários do Estado de São Paulo devem cogitar que daqui a pouco eles serão chamados para serem os fornecedores de carne do mundo. Acrescente-se: com a participação dos capitais estrangeiros.”¹⁶

Vicente Puchanti, italiano, estabelecido na região araraquarense e proprietário de terras, não se deixou seduzir pelos lucros viáveis da cultura cafeeira, não via no rubiáceo a única alternativa de lucros. Puchanti dono da Propriedade Agrícola Etruria, apostou no cultivo de árvores frutíferas, aspargos, fabricação de vinhos e em árvores de

¹⁴ CASALECCHI. Op. cit. P. 60

¹⁵ CASALECCHI. Op. cit. P. 60/61

ornamentação e florestas. Observem a descrição de França sobre essa singular propriedade:

“Único no Brasil, a sua área total é de 50 alqueires mais ou menos aproveitados com o plantio de saborosíssimas fructas, aspargos, arvores de ornamentação e florestas. Possui todas as qualidades de fructas nacionaes e estrangeiras. (...) as plantas exóticas mães, vindas dos principais estabelecimentos europeus, são educadas com as formas mais indicadas pela esthetica(...). O estabelecimento tem constantemente à venda fructas, mudas enxertadas e árvores em tinas e vasos, recebendo encomendas também de aspargos, videiras para meza e vinho e formação de pomares. (...) Faz parte do estabelecimento botânico um bosque cujas essencias florestas são compostas, entre outras, das seguintes: Criptomérias, Japonicas e Brazilienses, Cyprestes, Pinheiros de Triste, Pau Brasil, Cedro, Jacarandá. Cabreuva, Populis. Alba e eucalyptus diversos”¹⁷

2. O setor açucareiro

A cana de açúcar, uma das culturas voltadas para o mercado interno na região araraquarense, representa uma das principais características das fazendas mistas. O cultivo da cana era direcionado ao “fabrico do assucar”, da aguardente para atender a demanda local ou regiões próximas, paragens e estabelecimentos comerciais. A amostra seguinte demonstra fazendeiros que combinavam café com cana de açúcar. Através do *Imposto sobre o café e canna*, entre os anos de 1905 a 1907 podemos verificar quais eram os fazendeiros, o nome de suas propriedades, a produção referente ao café e cana de açúcar. Vejam alguns exemplos:

QUANTIDADE DE ARROBAS DECAFÉ E QUARTÉIS DE CANA DE AÇUCAR

Proprietário	1905		
	fazenda	alqueires café	quartéis de cana
1. João Amaral Gurgel	Vista Alegre	200	6
2. Tito Augusto Cabral	Americana	1.000	24
3. Antonio Militão Lima	Salto Grande	150	5
4. Antonio Pereira Santos	Palmeira	200	10
5. Paulino Alves Souza	Jangada	2.000	8
6. Ranuffi Giovanni	Sant'anna	250	14
7. Luiz Souza Barros	Corcovado	6.000	40
8. Fernando Motta	Ouro	250	3
9. João Francisco Souza	Água Azul	50	5
10. Alfredo Mário Vieira	Sant'anna	250	5
11. José Marques Valle S.	José Corrente	10.000	24

¹⁶ CASALECCHI. Op. cit. P. 63

¹⁷ FRANÇA, op. cit. 199-200

<i>Proprietário</i>	<i>fazenda</i>	<i>alqueires café</i>	<i>quartéis de cana</i>
1. José J. C. Arruda	Salto Grande	20	20
2. Joaquim A Vasquinho	Baocayuva	150	3
3. Francisco Bizelli	Sta Luíza	200	60
4. Augusto G. Silva	Tanquinho	30	2
5. José Thomaz Pereira	Serralhal	300	1
6. Joaquim Mourão Correa	Serralhal	50	1
7. Giovani Bertoni	Serralhal	50	1
8. Fernandes Motta	Ouro	1.000	10
9. Antonio Arruda Amaral	Ouro	150	8
10. Tito Augusto Cabral	Americana	3.000	10

1907

<i>Proprietário</i>	<i>Fazenda</i>	<i>alqueires café</i>	<i>quartéis de cana</i>
1. Antonio M. Sampaio	Sto Antonio	18.000	25
2. Antonio A. Lara	Tambury	60.000	3
3. Paulino Soares Souza	Jangada	70.000	10
4. Tito Augusto Cabral	Americana	70.000	12
5. João Amaral Gurgel	Vista Alegre	8.000	12
6. J.F. Marques Valle	S.J. Corrente	350.000	6
7. Dr. Luiz Souza Barros	Corcovado	160.00	60
8. Laureano de Campos	Água Azul	15.000	10
9. Antonio Militão Lima	Salto Grande	20.000	5
10. João F. Souza	Água Azul	8.000	2

Fonte: Imposto sobre café e canna, 1905-1907. manuscrito. Arquivo Público Histórico Prof. Rodolpho Telaaroli.

3. O reflexo da produção diversificada no comércio urbano

A expansão cafeeira, a utilização de áreas destinadas a cana, algodão, cultura de alimentos e criação na região araraquarense e são-carlense, reflete diretamente no comércio urbano que nos finais do século XIX tornara-se tão importante quanto as atividades rurais. Podemos observar através do “*Lançamento de Colleta de Negociantes, Indústria e Outros-1898*” quantos e quem eram os proprietários das casas comerciais araraquarenses, o valor dos impostos recolhidos e os tipos de transações que desenvolviam. Os estabelecimentos, ou “*casas comerciais*”, como eram denominadas na época, vendiam produtos que estão diretamente relacionados com a produção das fazendas, é o caso dos gêneros alimentícios em geral, bebidas, sendo a aguardente a mais apreciada, surgem açougues para atenderem o consumo de carne, beneficiadoras de grãos, refinadoras, inúmeras sapatarias dedicadas á confecção de calçados de couro, este, matéria prima para diversos produtos inclusive arreios e selas importantes para a época, onde o transporte principal ainda era feito através de animais. Alguns produtos manufaturados como charutos e cigarros, outros relacionados aos *armarinhos* que ofereciam uma série de objetos como agulhas, botões, tesouras, alfinetes, tecidos mais finos, etc. As casas de ferragens, muito comuns na época, inserem-se nos produtos

manufaturados. Ferrarias, fundição de carroças e madeireiras disputam espaço com as tradicionais casas comerciais mistas que combinam o comércio com gêneros alimentícios, bebidas, fumo, armarinhos, calçados, etc., estas compõem em maior número as transações urbanas.

Alguns exemplos retirados do manuscrito “*Lançamento de Colleta de Negociantes, Indústria e Outros, 1898*” ilustram os diversos tipos de transações comerciais que eram desenvolvidos em Araraquara no final do século XIX.

LANÇAMENTO DE COLLETA DE NEGOCIANTES, INDÚSTRIAS E OUTROS

ARARAQUARA, 1898.

CAZAS COMERCIAIS LOCALIZADAS NA RUA 1

Nome	Coleta em mil réis	Tipo de Negócio
<i>Francisco Ferreira</i>	<i>357\$500</i>	<i>bebidas, gêneros alimentícios, fumo, cigarros, querosene, restaurant</i>
<i>Paschoal Femiano</i>	<i>110\$000</i>	<i>ferraria completa, fundição de carroças</i>
<i>Santos Paulo</i>	<i>5\$250</i>	<i>sapataria com officio</i>
<i>Alípio A Gomes</i>	<i>22\$750</i>	<i>bebidas, gêneros alimentícios, fumo Charuto, cigarros</i>
<i>D. Cellestina</i>	<i>207\$000</i>	<i>bebidas, restaurant, charutos, cigarros</i>
<i>José Sarago</i>	<i>30\$000</i>	<i>sapataria simples</i>
<i>Manoel Teixeira</i>	<i>247\$500</i>	<i>bebidas, gêneros alimentícios, querosene Charutos, cigarro, fumo</i>
<i>Antonio R. fortes</i>	<i>52\$500</i>	<i>alfaiate simples</i>
<i>José Antonio C. Lemos</i>	<i>30\$000</i>	<i>barbeiro</i>
<i>Silva Faria e Comp.</i>	<i>405\$000</i>	<i>bebidas, gêneros alimentícios, ferragens Pólvora, fumo, cigarro, querosene</i>
<i>José Luiz de Campos</i>	<i>520\$000</i>	<i>fazendas, bebidas, ferragens, calçados, Pólvora</i>

CAZAS COMERCIAIS LOCALIZADAS NA RUA 2

<i>Manoel Teixeira Ferreira</i>	<i>227\$500</i>	<i>bebidas, gêneros alimentícios, fumo cigarro, charuto</i>
<i>Escarmanho Bartholomeu</i>	<i>25\$000</i>	<i>Quitanda</i>
<i>Amadeo Pierre</i>	<i>370\$500</i>	<i>fabrica de carroças, madeiras</i>
<i>Rossi e Comp.</i>	<i>360\$000</i>	<i>fábrica de cerveja</i>
<i>Carlos Fernandes</i>	<i>30\$000</i>	<i>sapataria simples</i>
<i>Jorge Pedro</i>	<i>397\$000</i>	<i>fazendas, bebidas, gêneros alimentícios Fumo, querosene</i>
<i>Amâncio J. Rodrigues</i>	<i>110\$000</i>	<i>selaria</i>
<i>Felício Carbonario</i>	<i>385\$000</i>	<i>fazendas, ferragens, calçados</i>
<i>Luis Baettelli e comp.</i>	<i>350\$000</i>	<i>caza de comissão, aguardente e fumos</i>
<i>Vicente Santello</i>	<i>82\$500</i>	<i>açougue</i>
<i>João Gualhard</i>	<i>347\$500</i>	<i>bebidas, gêneros alimentícios, sapataria, arreios e couros</i>

CAZAS COMERICAIS LOCALIZADAS NA RUA 3

<i>Matheus Saluciano</i>	982\$500	<i>fazendas, ferragens, armarinho, calçados, querozene, bebidas, generos alimenticos</i>
<i>José Furlan</i>	612\$000	<i>fumo, charutos, cigarros, mat. Construção bebidas, gêneros alimentícios, ferragens, açougue, fumo, cigarros, louças, vidros, restaurant, pasto de aluguel</i>
<i>Annibal Hubger</i>	360\$000	<i>fabrica de gazoza e licores</i>
<i>Lucio Palmieri</i>	110\$000	<i>alfaiataria com fazenda</i>
<i>Jayme Abritta</i>	30\$000	<i>sapataria simples</i>
<i>Raphael de Carlos</i>	82\$500	<i>Querozene, charutos, cigarros, restaurant seo açougue</i>

Fonte: *Lançamento de coleta de negociantes, industriais e outros, 1898*. Manuscrito. Arquivo Público Histórico Prof. Rodolpho Telarolli,

Ao examinarmos o manuscrito sobre a coleta de impostos durante o ano de 1898, verificamos que, quarenta comerciantes dos centos e vinte e quatro, mantinham casas comerciais nas principais ruas de Araraquara, ou seja, Rua 1, Rua 2 e Rua 3, como são denominadas no documento, pagaram impostos acima de 350\$000. Trinta e cinco comerciantes pagaram a quantia entre 150\$000 a 350\$000, e, quarenta e nove comerciantes pagaram impostos até 150\$000. Portanto a maioria dos comércios estabelecidos, setenta e cinco no total, arrecadavam impostos acima de 150\$000, ou seja, os comerciantes de pequeno porte consistiam na menor parcela.

Luis Benedete que pagou à Prefeitura Municipal a quantia de 472\$000, comercializava, bebidas, gêneros alimentícios, vidros, fumo, cigarros, querosene além de fabricar massas e possuir um restaurante no mesmo estabelecimento. José Furlan também combinava diversos tipos de atividades em seu estabelecimento, vendia bebidas, gêneros alimentícios, ferragens, fumo, cigarros, vidros, mantinha um açougue e restaurante além de um pasto de aluguel, esse negociante pagou 612\$000 de impostos.¹⁸

Poucos estabelecimentos dedicavam à venda de um só produto como é o Caso de Vicente Santello, Paulo Peres e Rafael de Carlos que possuíam apenas açougue demonstrando que a comercialização de carnes, possivelmente fornecidas pelo Matadouro Municipal ou criadores da região, tinha espaço entre as tantas outras

¹⁸ Dados retirados do manuscrito *Lançamento de coleta de negociantes, indústrias e outros, 1898*, AHPRT.

atividades comerciais. Ângelo Fragolli, assim como Furlan já preferia vender bebidas, gêneros alimentícios juntamente com seu açougue.¹⁹

Paschoal Femiano possuía ferraria completa e fundição de carroças. Amadeo Pierre também investiu na fabricação de carroças e tratamento com madeiras. Silvestre José possuía um marcenaria. Matheus Saluciano vendia dentre outros produtos, materiais para construção. Esses comerciantes comprovam a existência do comércio madeireiro em Araraquara.²⁰

Rossi e Comp. possuíam fábrica de cerveja, Bernardo Colecte uma fábrica de vinho e Annibal Hubger uma fábrica de gasosa e licores. Araraquara possuía uma ferraria a vapor que pertenceu a Antonio Bruno, uma refinação de açúcar e torrefação de café de Miguel Pachanage, além de um casa bancária cujo banqueiro era Luis Minervino que contribuiu para os cofres da prefeitura a quantia de 1.200\$000, o maior imposto recolhido no ano de 1898.²¹

Em 1899 o Club da Lavoura, fundado pelos são-carlenses, levantou uma Estatística Agrícola do Município de São Carlos dos Pinhal, onde foram classificados italianos que identificavam-se trabalhando em atividades pré- industriais que dariam origem ao parque industrial em São Carlos.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem

²¹ Ibidem

Açougueiros	Total 13 Golia, Menelli, Trofino, Colanei, Francischelli, Galli, Romano, Raymundo, Caputii, Mastrocollo, Finochio, Octaviano, Marchione.
Armeiros	Total 3 Gagliano, Barberio, Concilio .
Ferreiros	Total 4 Giometti, Manzini, Moretti, Mastrofrancisco.
Funileiros	Total 8 Merola, Mani, Schettini, Montefuso, Salvo, Lacamara, Rayel, Ciffoni.
Marceneiros	Total 10 Capucci, Pedrazzi, Barchino, Scalamandr�, Schiavone, Faro, Casale, Caputo, De Cola, Giamp�.
Sapateiros	Total 21 Buzini, Grecco, Vinci, Carbonato, Alberici, Negri, Collangelo, Menegheli, Marino, Pugliese, Parrota, Pillegi, Raffa, Paino, Zocco, Bruno, Limongelli, Giamei, Monteleone, Bilota, Martinelli.
Fábricas de carros, troles	Total 10 Censoni, Pavera, Cardinali, Benetti, Raghianti, Zopellari
Beneficiamentos	Total 4 Giongo, Massi, Facchina, Gagliardi
Fábrica de bebidas	Total 9 Cerri, Galli, Nelli, Raffaeli, Massi, Guelfi, Federighi, Grazini, Foschini
Bancos	Total 2 Apparatti, Savelli.
Outras indústrias	Total 18 Roversi, Stefanitti, de Molfetta, Ragonesi, Leroba, De Giorgi, Rizzini, Facchini, Petorusso, Borella, Mantovani, Pugliesi, Ambrogi, Parlatore, De Martini, Cattani, Fag�, Dal Medico.
Armaz�ns	Total 43 Tonissi, Damiano, Genovesi, Gigliotti, Ferro, Scafone, Palazzo, Vinciguerra, Beraldi, Di Giacomo, Baldi, De Angelis, Meneghelli, Scapolan, Fontana, Giudicissi, Schettini, Chiasso, De Grandis, Colaneri, Bragalo, Picchi, Marchione, Bertocco, Barbere, Valvolizza, Conc�lio, Zambrano, Grioleto, Del Nero, Bertucci, Fasanelli, De Cresci, Gualtieri, Di Fazzio, Bagnato, Zaparolli, Gagliardi, Barbieri, Brasero, Esp�sito, Ferrata, De Senzi.
Alfaiates	Total 22 Masili, Pellegrini, Marotti, Galucci, Rigo, De Nardi, Gianotti, Luporini, Palione, Gruzzi, Fachini, Petroni, Mantone, Micelli, Pinfildi, Ceneviva, Pacini, Ceschi, Villardi, Massara, Rubino, Parrota.
Chapeleiros	Total 3 Botta, Marfinatti, Françoso
Construtores	Total 4 Marra, Parollo, De Senzi, Baptistone
Modistas	Total 7 Ciocchi, Seppe, Bernocco, Matesso, Fucce, Ragonesi, Perri

Fonte: dados fornecidos por NEVES, A P. *O Jardim Público de São Carlos do Pinhal*. São Carlos, Fundação Theodoreto Souto, EESC, USP, 1983, pp 76-78

Apesar da fonte fornecer dados referentes a italianos estabelecidos na região são-carlense, podemos apontar casas comerciais cujo produtos estão diretamente relacionados com as atividades desenvolvidas pelos fazendeiros da região, assim como os fazendeiros araraquarense que apostavam no mercado interno. Em 1899 haviam treze açougues, dez marcenarias, dez fabricantes de carros (carroças) e troles. Os armazéns, que geralmente comercializavam uma maior variedade de produtos, somam um total de quarenta e três. Comparando com a quantidade de casas comerciais existentes em Araraquara que somam um total de 124, São Carlos no mesmo período, apresenta um número bem superior: 181 estabelecimentos. Devemos lembrar que a fonte para São Carlos não engloba os comerciantes brasileiros e outros estrangeiros, portanto esse número deveria ser bem maior.

Sete anos mais tarde, de acordo com o *Álbum de Araraquara*, a cidade já contava com 311 estabelecimentos comerciais, ou seja, quase triplicou seu comércio.

Araraquara em 1905 apresentava o seguinte quadro:

Comércio e Indústria

<i>Açougues</i>	9
<i>Alfaiatarias</i>	13
<i>Armazéns</i>	65
<i>Botequins</i>	19
<i>Carpintarias</i>	8
<i>Cervejarias</i>	9
<i>Cocheiras</i>	44
<i>Confeitarias</i>	3
<i>Drogarias</i>	2
<i>Empreiteiros construtores</i>	6
<i>Ferrarias</i>	9
<i>Hotéis</i>	2
<i>Livrarias</i>	6
<i>Loja de fazendas, armarinho, etc</i>	32
<i>Beneficiadoras de café, arroz</i>	6
<i>Olarias</i>	13
<i>Padarias</i>	5
<i>Farmácias</i>	6
<i>Fotografias</i>	2
<i>Restaurantes, pensão</i>	18
<i>Sapatarias</i>	20
<i>Selarias</i>	5
<i>Serrarias</i>	5
<i>Tipografias</i>	4
<i>Total</i>	311

Fonte: dados retirados do :Álbum de Araraquara,, pp. 121-122.

Percebe-se o aumento dos açougues e dos armazéns que também comercializavam gêneros alimentícios. Além das beneficiadoras de café, surgem as de arroz, um produto

voltado para o mercado interno que já fazia parte da dieta alimentar dos brasileiros. Em relação ao comércio madeireiro verificamos um incremento substancial, a cidade contava com oito carpintarias, cinco serrarias, seis empreiteiros e construtores. Em relação aos derivados do couro são apontados vinte sapatarias e cinco selarias. Produtos como a carne, gêneros alimentícios, madeira e couro estão diretamente relacionados com setores do mercado interno. As fazendas, chácaras ou sítios eram importantes e essenciais para manterem essa demanda.

O COMÉRCIO MADEIREIRO: UM SETOR SIGNIFICATIVO PARA O MERCADO INTERNO

As novas fronteiras para o café, a partir de meados do século XIX, situavam-se no Oeste Paulista, uma região que ficou conhecida por possuir grandes extensões de terra roxa, considerada a melhor terra para o plantio do rubiáceo. Nessas terras a cultura cafeeira pode expandir-se e tornou-se numa das maiores zonas cafeeiras do mundo. A terra roxa, ou terras de boa qualidade eram identificadas pelo tipo de “árvores” nelas encontradas. São Carlos e Araraquara, por exemplo, possuíam terra roxa legítima ou misturadas consideradas de boa qualidade para o café. Os historiadores locais exaltavam de ante-mão a qualidade das terras através das árvores que ali se encontravam desde os primórdios da cultura cafeeira, no caso de São Carlos, Neves comenta que:

*“Predominavam as figueiras brancas e os paus d’alho, que a sabedoria inata do povo indicou como padrões de boa terra. Alteava-se, também, toda uma rica flora de perobas, urindiúvas, óleos, sucupiras, guarantã, cedros, vamos jantar, ipês, cabriúvas, alecrins, timbós, canjaranas, canelas, saguarajis, araruvas e faveiros. Mais para o alto, na cuesta batida pelo frio vento sul, vicejavam bosques inteiros de pinhais (...)”*²²

A expansão cafeeira exigia derrubada de matas. Os estudos sobre a cafeicultura brasileira não se preocuparam em examinar o que era feito com as milhares e milhares de árvores derrubadas para o plantio dos pés de café. Atentos apenas com os aspectos da economia de exportação, não deram a devida atenção aos importantes segmentos econômicos voltados exclusivamente para o mercado interno. O comércio

²² NEVES, Ary P. *O Jardim público de São Carlos do Pinhal*. São Carlos, Fundação Theodoretto Souto. EESC- USP, 1983, pp. 1, 2.

madeireiro, assim como a pecuária e a cultura de alimentos foi importante e dinâmico.

Casalecchi ao examinar as diferentes atividades do grande complexo cafeeiro Cambuhy, em Araraquara, observou que a extração da madeira, o incremento no setor pecuarista e a plantação de algodão consistia um fator econômico importante principalmente em época de crise dos preços do café. Carlos Leôncio Magalhães em 1897, criou a São Paulo Coffee Estates Limited, seu objetivo era a aquisição das fazendas Santa Olímpia, São Joaquim e Canaã na intenção de aproveitar o desmatamento de 10 mil alqueires de matas virgens para a comercialização da madeira, inclusive para dormentes, construções, fabrico de papel, extração de fibras, resina, etc. Em 1918 ocorreu uma geada que fez subir o preço do café, mas Magalhães estava confiante, explica Casalecchi, pois boa parte dessa confiança era dada pelo **sucesso que vinha alcançando a pecuária na sesmaria**. (...) abriu nova fazenda (Flórida), a desmata acarretou a **comercialização da madeira**, ocasionando maior fluxo de capitais.²³

Uma outra grande unidade cafeeira em Araraquara, a Fazenda Atalaia, além de reservar significativos números de alqueires para a pecuária e o cultivo de alimento, mantinha 200 alqueires de terra para a extração de madeiras:

“A Fazenda Atalaia, tem área de 600 alqueires, na quase totalidade de terras roxas, dos quaes 240 plantados com 436.000 pés de café; 100 em pastos com 100 cabeças de gado bovino, 45 muares, 30 éguas, 6 cavalos e 1 jumento, 600 para a plantação de cereaes e 200 para a extração de madeira.”²⁴

Era comum entre os fazendeiros da região reservar áreas em matas virgens, aguardando o momento propício para expandir suas lavouras. :Os alqueires em matas significava também investimento no setor madeireiro. Como dissemos anteriormente, com a expansão cafeeira vinha o aproveitamento comercial da madeira com as derrubadas das matas. No quadro abaixo demonstraremos algumas fazendas mistas do início do século XX em Araraquara e o número em alqueires destinados a pastos, cultura de alimentos e matas. A maioria delas possuíam alqueires significativos em matas virgens.

²³ CASALECCHI, op. cit pp.47/48 e 58

²⁴ FRANÇA. Op.cit. p. 167.

ÁREAS RESERVADAS PARA PASTOS, ALIMENTOS E MATAS EM ALQUEIRES

Fazenda	pastos	alimentos	matas
Alpes	100		
Atalaia	100	600	200
Sta. Francisca	1.000	(em pastos e matas)	
Boa Vista	125	(em pastos e matas)	
Monte Verde		consta produção	290
Cruzeiro		consta produção	
S. Luis Gonzaga		consta produção	
Santa Cruz	40		100
S. Luis da P.Alta	20		130
Contendas	30		20
Anhumas	170		
São Francisco	5		
Pereira de Almeida	50		304
São Manuel	15		315
Santa Júlia	10		
Alliança	8		35
Pirapora	20		86
Cabriúva	23 (em pastos e matas)		
Santa Cruz	3 (em pastos e matas)		
Sto Antonio Palmital	3		
Morro Azul	60		353
Andes	35		215
São José do Corrente	35		215
Hymalia	15		15
Cachoeira do Rincão	200		1.145
Sta. Thereza	180		111
Timbury	45		180
Lageado	250		4.550
S. Francisco	53		437
Periquito	110 (em pastos e matas)		
Sta. Antonieta	40		90
Total			

Fonte: dados retirados do *Álbum de Araraquara*, pp.153-276

Chama atenção a Fazenda Lageado que entre as outras é a que reservou uma área grandiosa em matas, 4.550 alqueires e mais 250 alqueires em pastos. A Fazenda Cachoeira do Rincão reservou 1.145 alqueires em matas e 200 para pastos. Quatro fazendas reservaram uma média de 200 alqueires e três acima dos 300 alqueires.

Matas eram também extremamente úteis para os cafeicultores que passaram a utilizar as máquinas a vapor para o beneficiamento do próprio café. É o caso do proprietário da Fazenda São Luis, em Araraquara, que ao adquirir uma máquina a vapor, em 1883, mandou derrubar matas para servir de combustível.²⁵

²⁵ CORREA, Anna M.M. *História social de Araraquara*. São Paulo, 1967. Dissertação (Mestrado) FFLCH, USP, p.177.

Não apenas os grandes fazendeiros se ocupavam do mercado madeireiro como alternativa para aumentar seus lucros, os pequenos proprietários disputavam esse mercado oferecendo lenha para donas de casa e principalmente para as estradas de ferro em expansão. É o caso do marido de D. Olga, imigrante italiano, que veio para o Brasil no final da década de 1890 e tornou-se pequeno proprietário rural na região de Araraquara. Sua propriedade era rodeada de matas, para melhor aproveitamento de suas terras seu marido tornou-se lenheiro extraindo e cortando madeira onde vendia para particulares e principalmente para a Estrada de Ferro. Segundo o depoimento de D. Olga,

*“ extraía a lenha, cortava e vendia não só para particulares como também e essencialmente para a Estrada de Ferro. O fornecimento de lenha para a Estrada de Ferro era o que garantia a boa receita na casa. Paralelamente havia a roça- onde plantava-se arroz, feijão e ainda 3 mil pés de café- e a ordenha de vacas leiteiras.”*²⁶

A expansão cafeeira promoveu o surgimento de estradas de ferro que se espalharam em quilômetros por todo o Oeste Paulista. Não há necessidade de expor o papel fundamental que as estradas de ferro representaram para o desenvolvimento econômico. Esse empreendimento tinha como um dos suportes imprescindíveis a utilização da madeira em grandes quantidades. Não apenas os grandes fazendeiros como Carlos Leôncio Magalhães obtinham lucros com o setor madeireiro, mas os pequenos proprietários também, como verificamos no depoimento de D. Olga.

De acordo com Silvio Pinheiro, até 1936, o complexo ferroviário em Araraquara, compunha-se de um Departamento da Locomoção, Escritório Central onde em anexo funcionava a Secção de Projetos e Desenhos. Dessa seção saíam os desenhos dos incomparáveis carros de passageiros, dormitórios, pulmans e outros. Todos eles trabalhados em madeira de lei por uma equipe de competentes mestres e oficiais. As oficinas da Estrada de Ferro Araraquarense eram completas em todos os seus setores. Cada seção tinha o seu mestre e auxiliares que comandavam com disciplina rígida todos os setores da manutenção, produção e reparos de carros vagões, gaiolas e outros. Carpinteiros eram contratados para a construção e montagem dos carros vagões e gaiolas. Neste setor se prepara toda a madeira requisitada pelas oficinas e

²⁶ MARTINS, Regina.H.O *Imagens de família. Elementos de um repertório cultural sobre a família entre descendentes de italianos*. Araraquara, 1996. Dissertação (Mestrado), FCL Unesp, p. 66.

demais setores. “*Dava gosto notar o pátio repleto de toras das mais variadas qualidades e procedências*” relembra Pinheiro.²⁷

Diversas e diferentes eram as utilidades vindas do extrativo da madeira. O primeiro é o fornecimento de lenha para particulares, esta tornou-se matéria prima fundamental para a própria sobrevivência do povo brasileiro, pois até a chegada do fogão elétrico e à gás, todos os alimentos eram cozidos no fogão à lenha. A lenha fazia parte do dia-dia das famílias de todos os níveis sociais. Nas fazendas, sítios, chácaras, bairros rurais a lenha estava sempre à mão, bastava buscar. Nos centros urbanos que se desenvolveram por toda a província de São Paulo, principalmente a partir do século XIX, as milhares de famílias dependiam dos serviços dos lenheiros, como é o caso do marido de D. Olga, que além de ser lavrador se ocupava dessa profissão. Isso significa um comércio em grandes proporções, se tirarmos o foco do Estado de São Paulo e pensarmos em termos do Brasil como um todo, o peso desse setor era ainda maior.

Para citarmos um exemplo da manutenção das residências, algumas delas na capital paulista já destinavam um espaço específico para receberem alimentos e lenha das fazendas, sítios ou chácaras:

*“fala-se na existência de cocheiras e estábulos no térreo, e na entrada de carros de boi que chegavam da “roça”, trazendo lenha e gêneros alimentícios a serem descarregados nos pátios situados nos fundos. (...) havia criação de aves e porcos, telheiros para os serviços e rancho para acomodação dos escravos, além de fornos e lenheiros.”*²⁸

O estilo da elite cafeeira paulista foi se transformando, suas residências tornaram-se cada vez mais sofisticadas, o intuito era demonstrar poder econômico. Nas construções usavam as melhores madeiras, para as bases, assoalhos, telhados, portas, janelas, forros, etc, e com certeza incrementaram o comércio madeireiro. O palacete do Barão de Piracicaba II, construído em 1877 na capital de São Paulo, é bastante ilustrativo para pensarmos no setor para as construções em áreas urbanas em desenvolvimento, as residências luxuosas dos barões do café podem oferecer um quadro da quantidade de dinheiro que era gasto :

²⁷ PINHEIRO, Silvio Corrêa. *Departamento da Locomoção. Relatório do ano de 1945*. Araraquara, 1946.

²⁸ HOMEM, Maria C.N. *O Palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo, Martins Fontes, 1996, p33

“A casa era enorme. Possuía 68 cômodos, 94 portas e 86 janelas. Salões, salas, saletas, quatro galerias, 34 dormitórios, três salas de refeições, bilhar, sala de estudos, sala de jogos infantis, dois terraços, cozinha, dois banheiros completos. Nos fundos havia dois quintais, senzala, canil, lenheiro, quarto de fornos, horta, pomar e casa do porteiro.”²⁹

As mobílias significaram patrimônio por um longo período de tempo, tanto que os móveis das famílias constavam nos inventários. Anna Correa ao examinar os inventários de fazendeiros araraquarenses nas décadas de 1870 e 1880, ressalta, entre outros bens, as mobílias arroladas.

“ No inventário de D. Ana Josefa Correa de Sampaio, consta um piano, uma escrivaninha, uma mobília completa de sala com doze cadeiras, um sofá, duas mesas pequenas redondas, uma cama grande. No inventário de Luis Bernardo Pinto Ferraz, consta uma cama Luís XV, no valor de 160\$000, um guarda roupa de vinhático e outro de mogno. No inventário de Joaquim Duarte Pinto Ferraz, contava de uma mobília com 24 cadeiras, 4 cadeira de braço, 2 de balanço, 2 sofás, 4 consolos, uma mesa de centro, uma mesa de jantar, 4 mesas pequenas de quarto, 3 camas francesas de casal, 3 de solteiro, um criado mudo, um guarda vestido e um armário grande Na década de 1880, surgiram variedades de cadeira de balanços, de braços, de palhinha branca, marquesas, marquesa de palhinha, bancos, tamboretas, escabelo, mesas, mesinhas, mesa de varanda, mesas redondas, aparadores, guarda-roupas, guarda-louças.”³⁰

A importância desse setor tendeu-se a incrementar com o desenvolvimento urbano e o crescimento populacional. Verificamos casas comerciais exclusivamente voltadas para esse tipo de produto em Araraquara e São Carlos nos primórdios do século XX. Em 1920, a lista dos estabelecimentos industriais de São Carlos já revelam o surgimento de “indústrias” voltadas exclusivamente para o setor mobiliário e construções.³¹

²⁹ HOMEM, MCN. Op.cit. pp.91-3

³⁰ CORREA, op. cit. pp. 184-5.

³¹ Dados fornecidos por TRUZZI, Oswaldo. *Café e Indústria no interior de São Paulo. O caso de São Carlos.* São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado), EAESP/FCL, pp.143/4

RELAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS DE SÃO CARLOS EM 1920

	Indústria de couro, de pele e de outros	
Francisco Benincasa		curtume
Curtume tijuco Preto	Thomaz Krovitz	curtume
Curtume Ponte Alta	Júlio S. Rocha	curtume
Casa Pereira	Manoel A Pereira	malas e artigos p/viagem
	Indústria de madeiras	
Serraria Usonia	Antonio Basso	Serraria (jacás)
Serraria Giongo	Abel Giongo	Serraria
Serraria Santa Rosa	F. Ferreira e Santiago	Serraria
	Indústria do mobiliário	
João Stefanutti		móveis de madeira
Germano Fehr		móveis de madeira
Domingo Bissinello		móveis de ferro
	Construção de a aparelho de transporte	
Victorio Censoni		carros e carroças (madeira)
José Benetti		carros e carroças (madeira)
Estrela do sul		carros e carroças (carpintaria)
Selaria Rossi		arreiros e artigos de selaria

Fonte: Relação dos Estabelecimentos Industriais Recenseados em 1/9/1920(SEADE).

Duas indústrias de madeiras, três voltadas para o setor mobiliário, três para a construção de carros e carroças, imprescindíveis, dividem espaço com os artigos de couro para arreios e selarias onde o couro vinha tratado dos curtumes, bastante utilizados também para estofados e assentos de madeira. Produtos necessários para atender as necessidades cada vez maiores da população, onde os produtores encontravam matéria prima proveniente das fazendas mistas.

Algumas considerações

As fazendas mistas no interior do Oeste Paulista diferenciam-se das *plantations*, localizadas principalmente nas importantes regiões cafeeiras paulista como Campinas e Rio Claro. Raramente, de acordo com alguns estudos, as *plantations* combinavam sua produção voltada para o mercado interno e externo. O caso do complexo Cafeeiro Cambuhy, na região araraquarense, é um exemplo interessante. O fato da região araraquarense e são-carlense, desde seus primórdios, constituírem sua economia baseada em segmentos voltados para o mercado interno e somente posteriormente investiram também no café, contribuiu para que os fazendeiros continuassem a apostar nesse mercado utilizando de práticas comerciais que foram se desenvolvendo ao longo de décadas. Achamos pertinente a análise das atividades econômicas das fazendas

mistas, pois acreditamos que pode contribuir para um debate mais amplo sobre a economia interna em face a cafeicultura neste período.

Uma das lacunas da historiografia diz respeito ao setor madeireiro que cresceu significativamente acompanhando o ritmo do desenvolvimento urbano e rural mas não mereceu atenção devida por parte dos estudiosos. Esse setor supria necessidades básicas da população como o fornecimento de lenha, madeira para construções e mobiliário, servia como combustível para máquinas de beneficiamento além de atender o importante complexo ferroviário. Essas diferentes opções implicam, com certeza, em ofertas de trabalho no mercado. Análises mais amplas sobre esse setor são necessárias para entendermos a diversidade da economia interna que ia se desenvolvendo mas que permanece à margem devido a relevância do tema da economia cafeeira. Partimos do pressuposto que a economia cafeeira analisada isoladamente sem inserir outros setores que paralelamente se desenvolviam obscurece o conjunto, a realidade econômica desse período histórico.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Público Histórico Prof. Rodolpho Telarolli- Araraquara.

Entrada de Reses no Matadouro Municipal de Araraquara, 1885-1886

Lançamento de Colleta de Negociantes, Industriais e Outros, Araraquara, 1898

Imposto Sobre o Café e Canna, Araraquara, 1905-1907.

FONTES IMPRESSAS

CASTRO, Franklin. *Almanach- Álbum de São Carlos, 1916-1917.* Typografia Artística, São Carlos.

FRANÇA, Antonio. *Álbum de Araraquara, 1905.* João Silveira Editor.

PINHEIRO, Silvio Corrêa. *Departamento da Locomoção. Relatório do ano de 1945.* Araraquara, 1946.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASALECCHI, José Ênio. *Da Companhia Industrial Agrícola e Pastoril do Estado de São Paulo à Cambuhy Coffe and Cotton States, 1912-1933. Contribuição ao estudo da presença inglesa na estrutura agrária no estado de São Paulo.* Araraquara, 1973. Tese (Doutorado) FCL, Unesp.

- CORREA, Anna Maria Martinez. *História social de Araraquara*. São Paulo, 1967. Dissertação (Mestrado), FFLCH, Usp.
- FRAGOSO, João L.O império escravista e a República dos plantadores na economia brasileira do século XIX: mais que uma *plantation* escravista exportadora. In LINHARES, Y. *História geral do Brasil*. 6ª edição. Rio de Janeiro, Campus, 1990
- GORDINHO, Margarida. *A casa do Pinhal*. São Paulo, s.editora, 1985.
- HOMEM, Maria C.N. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo Martins fontes, 1996.
- MARCONDES, Renato L. O abastecimento de gado do Rio de Janeiro, 1801-1811. Mímeo apresentado ao Programa de Pós Graduação em Economia, Unesp, novembro,2000.
- MARTINS, Regina H.O *Imagem de família. Elementos de um repertório cultural sobre a família entre descendentes italianos*. Araraquara, 1996. Dissertação (Mestrado) FCL, Unesp.
- MONTEIRO, Rosane C. M. *Criadores, cafeicultores, terra e mão de obra. Araraquara e São Carlos na era da transição, 1830-1888*. Araraquara, 2000. Dissertação (Mestrado), FCL, Unesp.
- MONTEIRO, Rosane C. M. O desenvolvimento do mercado interno no interior do Oeste Paulista: o papel das paragens nos primórdios do século XIX. IV congresso Brasileiro de História Econômica e 5ª Conferência Internacional de História de empresas. ABPHE, cdroom, 2001.
- NEVES, Ary P. *O jardim público de São Carlos do Pinhal*. São Carlos, Fundação Theodoro Souto. EESC/ Usp, 1983.
- PACHECO, Carlos Américo. *Café e cidades em São Paulo. Um estudo de caso da urbanização na região de Araraquara e São Carlos, 1880-1930*. Campinas, 1988, Instituto de Economia, Unicamp.
- TRUZZI Oswaldo. *Café e Indústria no Interior de São Paulo. O caso de São Carlos*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado), EAESP/FCL.